

# *Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas*

2



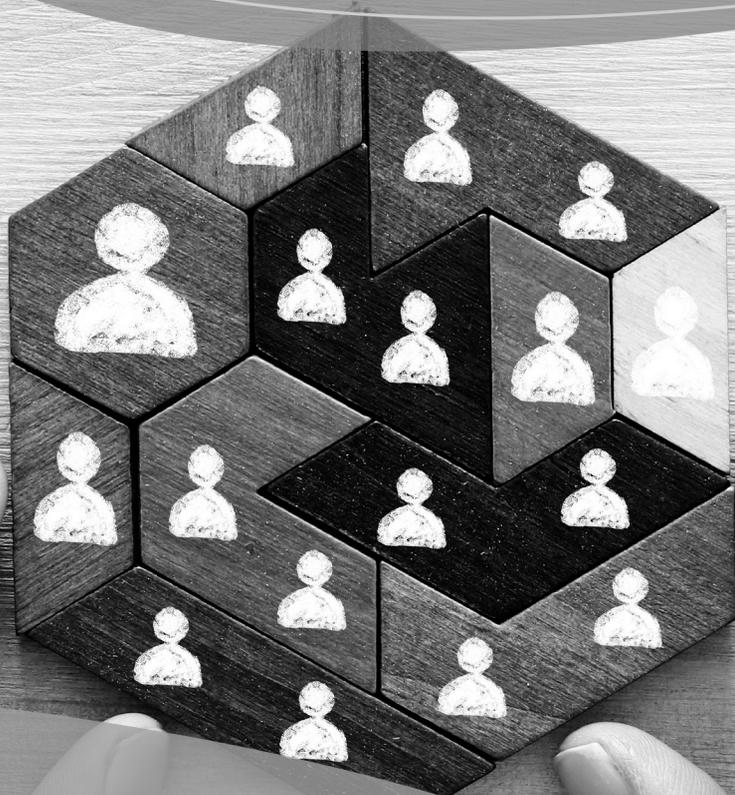
*Luciana Pavowski Franco Silvestre  
(Organizadora)*

**Atena**  
Editora

Ano 2020

# *Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas*

2



*Luciana Pavowski Franco Silvestre  
(Organizadora)*

**Atena**  
Editora

Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Luciana Pavowski Franco Silvestre

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências sociais aplicadas [recurso eletrônico] :  
necessidades individuais & coletivas 2 / Organizadora  
Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa,  
PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-363-7

DOI 10.22533/at.ed.637200909

1. Ciências sociais aplicadas – Pesquisa – Brasil. I.  
Silvestre, Luciana Pavowski Franco.

CDD 300

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A Atena Editora apresenta o e-book “Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas”, são ao todo trinta e dois artigos organizados e apresentados em dois volumes.

As pesquisas abordam temas relevantes que visam identificar, analisar e refletir sobre as relações estabelecidas entre os fenômenos sociais, econômicos e políticos no atual contexto.

No primeiro volume apresenta-se quatorze artigos com pesquisas relacionadas a três eixos temáticos: Desenvolvimento tecnológico, inovação e sustentabilidade; Consumo, comunicação e informação e Educação e processos de formação voltados para a cidadania e práticas emancipatórias.

O segundo volume é composto por dezoito artigos que tratam sobre políticas públicas e gestão pública e os impactos no atendimento das demandas relacionadas a área de saúde, profissionalização, socioeducação, sistema judiciário e processos de institucionalização. Os artigos analisam também os aspectos políticos e coligações partidárias.

Os artigos possibilitam o reconhecimento e análise de maneira mais aprofundada dos temas abordados, bem como, podem contribuir para a realização de novos questionamentos e pesquisas, com aproximações sucessivas das relações sociais e desvelamento das necessidades individuais e coletivas existentes no atual contexto

Boa leitura a todos e a todas.

Luciana Pavowski Franco Silvestre.

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### **SUSPENSÃO DE PROCEDIMENTOS HEMODINÂMICOS: UM DESAFIO PARA A GESTÃO PÚBLICA**

Alexandre Rodrigues Inácio de Azevedo

Jéferson Valente Vieira

Adriana Maria Lamego Rezende

Renato Cruz de Sousa

Ana Luísa Carneiro Pereira Gonçalves

Bráulio Lamego Resende

Fernanda Cruz de Souza

Matelane dos Anjos Rezende

**DOI 10.22533/at.ed.6372009091**

### **CAPÍTULO 2..... 14**

#### **COVID 19 COMO DOENÇA OCUPACIONAL E SEUS IMPACTOS NA ESFERA PREVIDENCIÁRIA**

Letícia Vieira Mattos

**DOI 10.22533/at.ed.6372009092**

### **CAPÍTULO 3..... 25**

#### **O ROMPIMENTO DO HIATO DO GÊNERO A PARTIR DE ROTAS METABÓLICAS BIOQUÍMICAS**

Maria Betânia de Oliveira Garcia

Carolina Helena Almeida Silva

Ariane Ribeiro Martins

**DOI 10.22533/at.ed.6372009093**

### **CAPÍTULO 4..... 41**

#### **AGLOMERADOS DE ALTO RISCO DE MORTALIDADE POR ACIDENTES DE TRANSPORTE TERRESTRE NO BRASIL**

Érika Carvalho de Aquino

Vinícius da Silva Oliveira

Marli de Mesquita Silva Montenegro

José Maurício Botto de Barros Garcia

João Bosco Siqueira Júnior

Otaliba Libânio de Moraes Neto

**DOI 10.22533/at.ed.6372009094**

### **CAPÍTULO 5..... 58**

#### **BREVE REFLEXÃO SOBRE ADOÇÃO E A CULTURA DA INSTITUCIONALIZAÇÃO**

Izabel Tereza Sousa Silva

Wnágylia Jéssica da Silva Pinheiro

Juliana Lara Borges Soares

Anna Gabriella Barbosa de Carvalho Silva

Cidianna Emanuely Melo do Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.6372009095

**CAPÍTULO 6..... 66**

**TURISMO E CULTURA: UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA DOS GRUPOS DE CARIMBÓ DE BELÉM-PA**

Victor Barbosa Campos

Maria Augusta Freitas Costa Canal

DOI 10.22533/at.ed.6372009096

**CAPÍTULO 7..... 78**

**AFETOS EM MOVIMENTO: TRAJETÓRIAS DE MULHERES NA ECONOMIA SOLIDÁRIA E NO MST**

Flávia Cunha Pacheco

Carolina de Andrade Guarnieri

Luna Carulina Mendes Filgueiras

Maria Therezinha Loddi Liboni

DOI 10.22533/at.ed.6372009097

**CAPÍTULO 8..... 90**

**ESTRATÉGIAS DE *COPING* ADOTADAS POR FAMÍLIAS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Ana Naysa Albuquerque Teixeira

Cibelly Aliny Siqueira Lima Freitas

Verônica de Azevedo Mazza

Maria Adelane Alves Monteiro da Silva

Etelvina Sampaio Melo

Benedita Shirley Carlos Rosa

DOI 10.22533/at.ed.6372009098

**CAPÍTULO 9..... 106**

**CAPITAL TRABALHO E ESTADO NA POLÍTICA PÚBLICA DE NEGOCIAÇÃO COLETIVA NO AGRONEGÓCIO: TRILHAS DE UMA PESQUISA NO ESTADO DO PIAUÍ**

Paula Maria do Nascimento Mazullo

Maria Dione Carvalho de Moraes

DOI 10.22533/at.ed.6372009099

**CAPÍTULO 10..... 119**

**COMO PROMOVER A REINSERÇÃO DE EX-PRESIDIÁRIOS NA SOCIEDADE DE MATO GROSSO**

Hiayssa França Almeida

DOI 10.22533/at.ed.63720090910

**CAPÍTULO 11..... 121**

**A INDEPENDÊNCIA CONGOLESA COMO UM PROCESSO DE MANUTENÇÃO DO CONSERVADORISMO SOCIAL E ECONÔMICO**

Felipe Antonio Honorato

Paulo Cesar de Abreu Paiva Júnior

DOI 10.22533/at.ed.63720090911

<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>133</b>
JUSTIÇA RESTAURATIVA: CONTRIBUIÇÕES PARA A CULTURA DE PAZ MEDIANTE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	
Débora Maria Ferreira da Silva	
Francisco Mateus Pontes Pereira	
Tânia Gabriela de Sousa de Paiva	
Maria Isabel Silva Bezerra Linhares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63720090912</b>	
<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>144</b>
O REGIME DISCIPLINAR DIFERENCIADO: UMA ANÁLISE DE SUA NATUREZA JURÍDICA	
Mateus Gruber	
Sarah Francine Schreiner	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63720090913</b>	
<b>CAPÍTULO 14.....</b>	<b>155</b>
“FUTEBOL-BANDIDO”: OS <i>CARTOLAS DA CBF</i> E A CORRUPÇÃO NO BRASIL	
Breno Carlos da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63720090914</b>	
<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>168</b>
O DIREITO FUNDAMENTAL À PROFISSIONALIZAÇÃO DE SOCIOEDUCANDOS QUE CUMPREM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA EM SALVADOR: ABORDAGEM CRÍTICO-ANALÍTICA	
Evandro Luís Santos de Jesus	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63720090915</b>	
<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>179</b>
O SOCIALISMO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA	
Rodolfo Palazzo Dias	
Eric Gil Dantas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63720090916</b>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>203</b>
COALIZAÇÕES ORGANIZACIONAIS – RESPOSTA À CONJUNTURA DE ALTA COMPETITIVIDADE	
Adelcio Machado dos Santos	
Daniel Tenconi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63720090917</b>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>216</b>
ANCESTRALIDADE E POLÍTICA NA TRAJETÓRIA DE MÃE HILDA DE JITOLU	
Ayni Estevão de Araujo	
Geander Barbosa das Mercês	
<b>DOI 10.22533/at.ed.63720090918</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>227</b>



# CAPÍTULO 8

## ESTRATÉGIAS DE *COPING* ADOTADAS POR FAMÍLIAS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 05/06/2020

### **Ana Naysa Albuquerque Teixeira**

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)  
Sobral-CE  
<https://orcid.org/0000-0003-4695-2384>

### **Cibelly Aliny Siqueira Lima Freitas**

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)  
Sobral-CE  
<https://orcid.org/0000-0002-0585-5345>

### **Verônica de Azevedo Mazza**

Universidade Federal do Paraná (UFPR)  
Curitiba-PR  
<https://orcid.org/0000-0002-1264-7149>

### **Maria Adelane Alves Monteiro da Silva**

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)  
Sobral-CE  
<https://orcid.org/0000-0001-7579-2645>

### **Etelvina Sampaio Melo**

Universidade Federal do Ceará (UFC)  
Sobral-CE  
<https://orcid.org/0000-0002-5099-6553>

### **Benedita Shirley Carlos Rosa**

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)  
Sobral-CE  
<https://orcid.org/0000-0002-9125-3614>

**RESUMO:** Pesquisa qualitativa com o objetivo de descrever as principais estratégias de *coping* de familiares de crianças com diagnóstico

de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) acompanhadas pela Associação de Pais e Amigos do Excepcionais (APAIE) localizada no interior do Ceará. Estudo realizado por meio da aplicação da Escala Toulousaine de *Coping* durante os meses de junho e julho de 2019, tendo seus dados analisados utilizando-se o teste estatístico de Pearson para correlação de variáveis. A pesquisa atendeu os princípios da bioética conforme Resolução 466/2012 do CNS, sob Parecer Nº 2.806.799. Os resultados evidenciaram que as 17 participantes são do sexo feminino, 16 delas são mães das crianças e 12 estavam desempregadas. Das famílias entrevistadas, 14 tem arranjo nuclear, oito com uma média de 04 moradores por domicílio, e em 11 delas algum dos membros deixou de trabalhar após o diagnóstico de TEA. Na investigação das estratégias de *coping* positivas, apenas o controle é frequentemente utilizado pelas famílias. No que se refere as de *coping* negativos nenhum foi apontado pela média das famílias. Sobre os aspectos correlacionados, destacaram-se a distração e o suporte social de forma moderada e, a conversão e o controle com uma correlação fraca. Concluiu-se que informações acerca da sobrecarga dos cuidadores e formas de enfrentamento, favorecem a elaboração de estratégias para assistência e manejo adequados, facilitando os cuidados de saúde e a promoção da melhoria da qualidade de vida das crianças com autismo e de suas famílias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autismo, Família, Enfrentamento, Crianças.

## COPING STRATEGIES ADOPTED BY FAMILIES OF CHILDREN WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER (ASD)

**ABSTRACT:** Qualitative research in order to describe the main coping strategies of Family members of children diagnosed with Autism Spectrum Disorder (TEA) accompanied by the Association of Parents and Friends of the Exceptional APAE) located in the interior of Ceará. Study carried out by applying the Toulousaine Coping Scale during the months of June and July 2019, having its data analyzed using Pearson's statistical test for correlation of variables. The research complied with the principles of bioethics according to CNS Resolution 466/2012, under Opinion No. 73197617.0.1001. 0192. The results showed that the 17 participants are female, 16 of them are mothers of the children and 12 were unemployed. Of the interviewed families, 14 have a nuclear arrangement, eight with an average of 04 residents per household, and in 11 of them some of the members stopped working after the diagnosis of ASD. In investigating positive coping strategies, only control is often used by families. With regard to negative coping, none was indicated by the average of families. Regarding the correlated aspects, distraction and social support were highlighted in a moderate way, and conversion and control with a weak correlation. We conclude that information about the burden of caregivers and confrontations, favors the development of strategies for appropriate care and management, facilitating health care and promoting the improvement of the quality of life of children with autism and their families.

**KEYWORDS:** Autism, Family, Coping, Children.

### 1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde que Leo Kanner descreveu o autismo pela primeira vez em 1943, foram inúmeras as pesquisas e constantes revisões focadas neste tema, através de diferentes perspectivas, tanto quanto à sua denominação e caracterização ao tratamento e terapias. De acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, em sua quinta edição, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é considerado uma deficiência que se caracteriza pelo prejuízo funcional nas áreas da comunicação, da interação social e do comportamento (MINATEL e MATSUKURA, 2014), tendo início logo na infância tendendo a permanecer durante a adolescência e persistir na vida adulta. O aparecimento de condições concomitantes, como epilepsia, depressão, ansiedade e transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), são frequentes. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2017).

A estimativa atual é de que uma em 160 crianças tenha TEA no mundo. Estudos epidemiológicos realizados nos últimos 50 anos, mostram que a prevalência de TEA vem crescendo no decorrer das décadas. Possivelmente esse aparente aumento pode ter sido causado não por um alastramento da condição, mas sim por uma ampliação de critérios diagnósticos, assim como melhores ferramentas de diagnóstico e qualidade de relatórios (OMS, 2017).

A família, em especial os pais são os primeiros a notarem comportamentos fora do comum nos filhos, especialmente quando estes têm outros filhos com quem possam fazer

uma comparação, mas não conseguem determinar o que, então, é comum que o alerta de parentes ou amigos sobre a existência de algum distúrbio com seus filhos, provoque uma reação de raiva (SILVA, et al, 2017).

O diagnóstico de TEA, geralmente, causa muito impacto na família fazendo com que as relações familiares tenham uma tendência a mudança ou até rompimento de vínculos. A cronicidade do transtorno agrega uma série de dificuldades no cotidiano, em especial para as mães, sendo elas as principais dispensadoras dos cuidados, principalmente quando estão presentes condições físicas e mentais que resultam em uma maior dependência, expondo-as ao desenvolvimento de altos níveis de estresse, que são constantemente vivenciadas por pessoas que exercem cuidado a alguma pessoa que tenha deficiência, podendo resultar em sobrecarga, agravos à saúde física e psicológica (TABAQUIM, et al, 2015).

As habilidades desenvolvidas para o domínio das situações de estresse e adaptação são formas de enfrentamento (*coping*), que é definido como o conjunto de estratégias cognitivas e comportamentais utilizadas para avaliar e gerenciar as exigências internas e/ou externas, determinada por fatores pessoais, exigências situacionais e recursos disponíveis (FOLKMAN & LAZARUS, 1985). Estratégias de enfrentamento correspondem a um processo pelo qual o indivíduo administra as demandas da relação pessoa/ambiente, e as emoções que elas geram. Diante da situação considerada estressora, os indivíduos realizam uma avaliação do que está ocorrendo, a fim de que o organismo possa responder adequadamente ao estressor, solucionando-o ou amenizando-o.

Apesar de avanços significativos nas últimas décadas relacionadas a diagnóstico e tratamento de pessoas com TEA, assim como a evolução de políticas que visem assegurar direitos e inclusão dos autistas e de suas famílias, a compreensão de como se dá a estrutura e funcionalidade de suas vidas e seu ambiente familiar ainda se mostra com alguns déficits. A identificação das estratégias utilizadas por familiares de crianças com TEA para o enfrentamento da condição surge como uma informação relevante, já que algumas destas estratégias podem mostrar-se lesivas para os mesmos e para os que estão a seu redor. E tal entendimento servirá de base para ampliação e melhoria de políticas e de práticas assistenciais de maneira integral.

Nessa perspectiva, esse estudo tem como objetivo descrever as principais estratégias de *coping* de familiares de crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA).

## 2 | CAMINHO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa desenvolvida num município do interior do Ceará junto as famílias de crianças com autismo acompanhadas pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAIE) que é a principal referência em atendimento as crianças

com necessidades especiais do município e oferece tanto atendimento com diversas especialidades médicas quanto serviço de atendimento educacional especializado (AEE).

Nesse estudo, foram abordados 22 cuidadores de crianças com TEA, destes, cinco não quiseram responder a entrevista, os demais (17) concordaram em participar da pesquisa e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

A coleta de dados se deu entre os meses de junho e julho de 2019, por meio da aplicação da Escala Toulousaine de *Coping* Reduzida (ETC-R)<sup>1</sup>, que identifica as estratégias de enfrentamento em situações percebidas como estressantes, com familiar de crianças com diagnóstico de autismo.

A ETC-R é organizada em torno de cinco estratégias de enfrentamento: controle, recusa, conversão, suporte social e distração. A estratégia de **Controle** caracteriza o modo de reação ao estresse segundo o qual, perante uma situação, a pessoa tem necessidade de refletir e de planificar quais as melhores estratégias que deve utilizar para a resolver com eficácia, não evitando a sua confrontação. Já a **Recusa** compreende a incapacidade de aceitar a realidade e o problema. A pessoa procura encontrar uma certa distância cognitiva e emocional face ao seu objetivo, para resolver o seu problema, ou melhor refletir a forma de resolver o problema. Por vezes age como se não houvesse problema, recusando admitir a realidade. Na estratégia de **Conversão**, as pessoas que utilizam esta estratégia caracterizam-se pela mudança de comportamento e pela adaptação da sua ação ao problema, têm necessidade de um certo isolamento em relação aos outros, responsabilizando-se por gerir os seus problemas. O **Suporte Social** implica na necessidade de ser ouvidas e reconfortadas pelos outros. Na estratégia **Distração**, as pessoas procuram a companhia de outros ou envolvem-se em atividades que as ajudam a não pensar nos problemas que as incomodam (SILVA JUNIOR; COSTA, 2014).

Os dados coletados por meio de uma entrevista foram organizados e sistematizados e realçados através da utilização de técnicas de estatística descritiva: frequências (absolutas e relativas), medidas de tendência central (médias aritméticas), medidas de dispersão e variabilidade (desvio-padrão) e a testes estatísticos de correlações. Os cálculos dos

---

1. Na década de 80, Folkman e Lazarus (1988) elaboraram um inventário com 66 itens com o objetivo de identificar os pensamentos e as ações utilizadas na resposta a uma determinada situação geradora de stress. Esparbès, Sordes Ader e Tap (1993), depois da revisão e análise de várias escalas de coping construíram uma nova escala com 54 itens, designada de *Echelle Toulousaine de Coping*, organizada em campos comportamental (ação), cognitivo (informação) e afetivo (emoção) – integrando seis estratégias – Focalização, Suporte Social, Retraimento, Conversão, Controle e Recusa. Em 2006, foi feito um estudo de adaptação desta escala à população portuguesa – que incluiu 1000 participantes com idades compreendidas entre os 18 e 28 anos, sendo 384 (38,4%) do sexo masculino e 616 (61,6%) do sexo feminino. A versão portuguesa passou a integrar 54 itens. A utilização desta escala revelou algumas dificuldades, nomeadamente a morosidade da sua aplicação, fato que suscitou a necessidade de construir uma versão que favorecesse a participação dos respondentes. Consequentemente, a partir da ECT (adaptada à população Portuguesa) foi elaborada a ETC-R (versão reduzida), composta por 18 itens, distribuído em 5 fatores (estratégias). O score individual é calculado mediante a média dos itens de cada fator (NUNES, BRITES, PIRES & HIPÓLITO, 2014).

domínios de estratégias de *coping* são apresentados em escore mínimo, máximo, médio, desvio padrão e coeficiente de correlação de Pearson e representados graficamente e ilustrados em figuras, e por conseguinte, validados com a literatura pertinente.

A pontuação considerada para a escala da estratégia de *coping*, de acordo com a Escala *Tolousaine Coping Reduzida* (ETC-R), foi da escore média dos domínios específicos. Na coluna Média (Quadro 1), indica-se o valor considerado como nível moderado, que foi calculado através da média da menor e maior pontuação possível em cada domínio.

ESCALA	ITENS	VARIAÇÃO PONTUAÇÃO	MEDIA (Nível moderado) *
Controle	1,8,9,15,18	5 a 25	15
Recusa	10,11,12,16	4 a 20	12
Conversão	4,5,14	3 a 15	9
Suporte Social	7,8,13	3 a 15	9
Distração	2,3,17	3 a 15	9

Quadro 1 - Demonstrativo da pontuação para as estratégias de enfrentamento considerando a ETC-R.

Fonte: própria autora (2019). \*Ponto de corte.

Para desenvolvimento do estudo foram considerados os aspectos éticos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2013), que dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Tal resolução leva em consideração referenciais da bioética como, autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade. E visa a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado, levando em consideração a ótica do indivíduo e das coletividades.

Os resultados dessa pesquisa constituem um recorte de uma pesquisa institucional e multicêntrica com financiamento do CNPq, intitulada: Vivência de Famílias Constituídas com Crianças com Deficiência - Organização, Práticas e Necessidades, aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual Vale de Acaraú (UVA), conforme Parecer N° 2.806.799.

### 3 I ESTRATÉGIAS DE COPING DAS FAMÍLIAS DE CRIANÇAS COM TEA: RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa foi realizada com um total de dezessete respondentes, todas do sexo feminino, a maioria absoluta eram mães das crianças (16), apenas uma das respondentes era irmã de uma criança. A faixa etária predominante entre as entrevistadas foi de 31 a 40 anos, representando nove do total. Quanto à renda familiar, nove das participantes declararam receber até um salário mínimo por mês, e seis tinham renda entre 1 e 2 salários mínimos.

As estratégias de *coping* na gestão familiar do TEA estão representadas na Tabela 1, a partir dos cálculos dos escores mínimo, máximo, médio e desvio padrão de todas as categorias.

ESTRATÉGIAS	FAMÍLIAS (N)	ESCOR E MÍNIMO	ESCOR E MÁXIMO	ESCOR E MÉDIO	DESVIO PADRÃO
Controle	17	18	25	22,64	2,20
Recusa	17	4	16	8,82	3,35
Conversão	17	3	15	8	4
Suporte Social	17	3	15	8,58	3
Distração	17	3	11	8	2,89

TABELA 1 - Descrição das medidas das estratégias de enfrentamento de familiares crianças com TEA acompanhadas na APAE, Ceará, Brasil, 2019.

Fonte: própria autora (2019).

A categoria de controle, suporte social e distração se apresentam como estratégias positivas de enfrentamento. O controle é caracterizado pela forma de reagir perante uma situação onde ela sente a necessidade de refletir e de planificar quais as melhores estratégias que deve utilizar para a resolver com eficácia, não evitando a sua confrontação. O suporte social se dá quando as pessoas têm necessidade dos outros, ao nível informacional e emocional. E a distração é a estratégia pela qual as pessoas procuram a companhia de outros ou envolvem-se em atividades que as ajudam a não pensar nos problemas que as incomodam, um aspecto positivo, porém diferentemente do campo do controle, há uma fuga do confronto. Os escores obtidos foram: controle (22,64), suporte social (8,58) e Distração (8).

Nas categorias de recusa e conversão, que já são tidas como estratégias negativas de enfrentamento, tivemos os escores de (8,82) e (8). A recusa é caracterizada pelo distanciamento cognitivo e emocional face ao seu objetivo, para resolver o seu problema, ou melhor refletir a forma de resolver o problema. Por vezes, age como se não houvesse problema, recusando admitir a realidade. A conversão é tida como a mudança de comportamento e pela adaptação da sua ação ao problema, apresentando um certo isolamento em relação aos outros, responsabilizando-se por gerir os seus problemas.

Vislumbrando uma melhor visualização e compreensão dos resultados encontrados em cada categoria utilizou-se uma representação gráfica onde foram indicados os escores máximos, mínimos e médios de cada uma. O escore médio representa a utilização de cada estratégia pela família. A medida em que a família se desloca para a parte mais escura do gráfico, maior é a intensidade de utilização dessa estratégia de enfrentamento. Quando a família se desloca para a coloração mais clara menor é a intensidade da utilização dessa estratégia.

A seguir trazemos a caracterização, por domínio, das estratégias de *coping* utilizadas por cuidadores de crianças com diagnóstico de TEA.

### 3.1 Controle

A categoria controle é caracterizada pelo modo de reação ao estresse segundo o qual, perante uma situação, a pessoa tem necessidade de refletir e de planificar quais as melhores estratégias que deve utilizar para a resolver com eficácia, não evitando a sua confrontação, como já havia sido dito anteriormente. O escore médio dessa categoria foi de 22,64, indicando que os respondentes tinham atitudes de “enfrentamento da situação”, “análise da situação para melhor a compreender”, “conhecimento do que era necessário fazer e por isso redobravam os seus esforços para o alcançar”, “aceitação da ideia de que é necessário que eles resolvessem o problema” e “reflexão nas estratégias que poderiam utilizar para melhor resolver o problema”. Vale salientar que essa categoria foi a que apresentou a menor variabilidade de respostas (DP: 2,20).

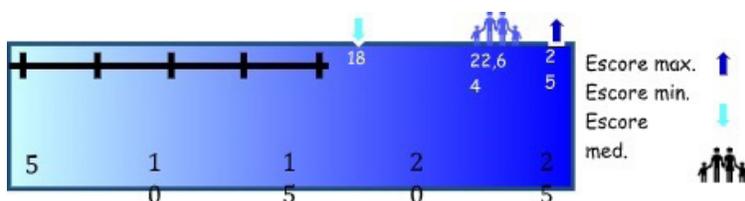


Figura 01: Escores máximo, mínimo e médio da categoria de controle. Sobral - CE, 2019.

Fonte: própria autora (2019).

O domínio de controle foi o que apareceu como mais fortemente utilizado pelos respondentes, de acordo com o escore médio e como representado na Figura 1. Mesmo se falando em números absolutos, ainda assim, foi possível notar sua prevalência em toda a amostra. Já que todos os participantes referiram utilizar essa estratégia sempre ou quase sempre.

Já no momento do diagnóstico de uma doença ou síndrome crônica, a família é cercada por uma avalanche de sensações e sentimentos diversos. Esse montante de emoções pode levar a não aceitar o diagnóstico e entrar em uma fase de negação, ou até mesmo luto (PINTO, et al, 2016).

Dardas e Ahmad (2013), em seus estudos, mostraram que aceitar a responsabilidade era a única estratégia mediadora na relação entre estresse e qualidade de vida, demonstrando que essa era a única estratégia que exercia relação direta na vida dos pais de crianças com transtorno autista. Outros tipos de enfrentamento não mostraram um efeito mediador, evidenciando que o primeiro e mais importante passo no processo de *coping* do

diagnóstico de TEA é aceitar a responsabilidade, e que esta influencia diretamente na QV entre os pais. A estratégia de aceitar a responsabilidade está subentendida no domínio de controle nas estratégias de *coping*.

Reforçando a responsabilização como estratégia de controle, Folkman e Lazarus (1988) trazem que “aceitar a responsabilidade implica o reconhecimento de sua contribuição para o problema e a tentativa de corrigir a situação”.

É importante destacar que a responsabilização não deve ser encarada aqui como o mesmo sentido de culpabilização, uma vez que aqui está sendo trazida essa responsabilização como o primeiro e mais importante passo para o *coping* positivo da situação.

### 3.2 Recusa

As estratégias de recusa são aquelas em que a pessoa procura encontrar uma certa distância cognitiva e emocional face ao seu objetivo, para resolver o seu problema, ou melhor refletir a forma de resolver o problema. Por vezes age como se não houvesse problema, recusando admitir a realidade. O escore médio dessa categoria foi de 8,82, indicando que essa não era uma estratégia utilizada pelas famílias. Atitudes como “chegar a não sentir nada quando chegam as dificuldades”, “resistir ao desejo de agir, até que a situação me permita”, “reagir como se o problema não existisse” e “dizer a se próprio que este problema não tem importância” não eram frequentemente tomadas pelas famílias.

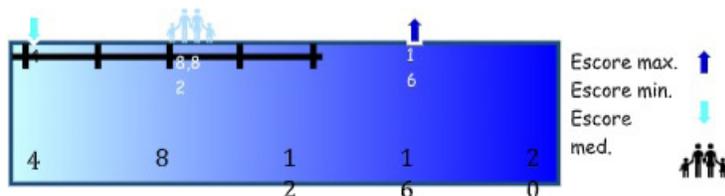


Figura 02: Escores máximos, mínimo e médio da categoria de recusa.

Fonte: a autora (2019).

A recusa a nova realidade não foi referida fortemente pelos respondentes, de acordo com o escore médio do domínio, assim como individualmente apenas quatro demonstraram utilizá-la, como mostra a Figura 2.

A negação, frequentemente, é um dos primeiros sentimentos frente a um diagnóstico de TEA. Pois o momento do diagnóstico se torna um evento estressor e marcante que repercutirá diretamente no contexto familiar, uma vez que a família passará a ser constituída por uma criança atípica (PINTO, et al, 2016).

Essa estratégia de *coping* apresenta um reforço negativo, já que o fato de se recusar a aceitar a existência de um problema e a resistência ao desejo de agir poderá acarretar o atraso do início do tratamento. Essa ação poderá acarretar prejuízos irreversíveis ao desenvolvimento da criança. Quanto mais precoce são iniciadas as intervenções na criança com TEA, maiores serão os avanços e a possibilidade de a criança atingir o ápice de desenvolvimento. Vale ressaltar também a necessidade de se sustentar práticas na família, não podendo esta ser excluída do processo de tratamento (CARDOSO; FRANÇOSO, 2015).

Aqui não se notou expressiva evidência da utilização dessa estratégia, provavelmente em decorrência do estudo ter sido realizado com pessoas que já se encontram inseridas em uma instituição reconhecida pelo trabalho especializado com esse tipo de público. E que também trabalha sem excluir a família do processo, buscando sempre a aproximação e a inserção dela no contexto do cuidado e da disseminação de conhecimento sobre as condições relacionadas as CRIANES com suas respectivas patologias.

### 3.3 Conversão

A conversão é quando as pessoas têm uma mudança de comportamento e se adaptam ao problema. Têm necessidade de um certo isolamento em relação aos outros, responsabilizando-se por gerir os seus problemas. Nessa categoria o escore médio foi 8, onde a frequência das atitudes de “evitar encontrar-se com pessoas”, “mudança na forma de viver” e “afastar-se dos outros” foram mensuradas pelos respondentes. A conversão não ultrapassou o nível médio do domínio nem em números absolutos e nem no escore médio, mas foi ele que apresentou o maior desvio padrão.

A ilustração a seguir mostra a família representando o escore médio de todos os respondentes próxima a linha média, mas sem ultrapassá-la.

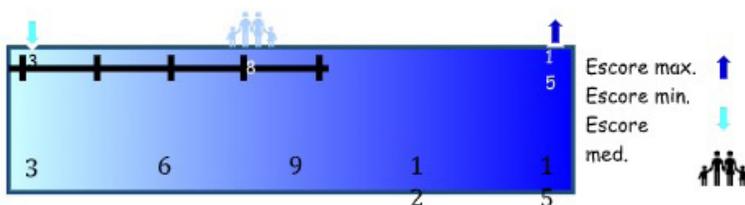


Figura 03: Escores mínimo, máximo e médio da categoria de conversão.

Fonte: própria autora (2019).

Nesse domínio, alguns respondentes obtiveram o mínimo escore possível, o que nos leva a compreender que eles não apresentam qualquer mudança de comportamento frente as situações de estresse relacionadas ao diagnóstico de TEA. Não se afastaram

ou mudaram as relações com as pessoas e ambientes ao seu redor para evitar situações estressantes. Por outro extremo também teve quem atingisse escore máximo de conversão, alegando que passou a evitar encontrar pessoas, que se afastou dos outros e mudou o estilo de vida para poder enfrentar o estresse gerado pela situação em que se encontra.

A reestruturação dos arranjos e práticas familiares após um diagnóstico de TEA é inevitável, uma vez que os cuidados necessários a ela demandam mais tempo, planejamento e dedicação. A mudança nas relações sociais experienciadas pelos pais também é muito difícil, especialmente para as mães. Elas são as primeiras a notarem o incômodo das pessoas com a presença da criança autista, uma vez que elas, geralmente, têm mais proximidade por serem as principais dispensadoras de cuidados. Para elas, o incomodo e o distanciamento que as pessoas demonstram com a presença de uma criança autista constitui um gesto de preconceito (PINTO, et al, 2016).

As práticas de conversão não são vistas como positiva, a não ser que ela estabeleça correlação a estratégia de controle. No caso da reestruturação dos arranjos e práticas familiares, onde a conversão é inevitável, esta deve estar associada ao controle da situação, para que não haja mudança negativa na vida dos pais de crianças que recebem o diagnóstico de TEA. O quadro 3 trará a correlação entre essas duas categorias para que se possa quantificar e ilustrar se há e qual a força dessa correlação.

Categorias correlacionadas	Pearson
Conversão x Controle	0,3399*

Quadro 2 - Correlação entre os domínios de conversão e controle. Sobral-CE, 2019.

Fonte: própria autora (2019) \*fraca

A análise do quadro 2 permite compreender que os domínios de conversão e controle apresentam uma magnitude fraca de correlação, o que nos leva a pensar que as estratégias de conversão utilizadas pelos respondentes apresentam um caráter positivo pouco expressivo, mas ainda sim presente.

O fato é que o domínio de conversão tem característica ambivalente, ele pode ser encarado como *coping* positivo se apresentar correlação com o domínio de controle.

### 3.4 Suporte social

Nesta categoria as pessoas consideram importante solicitar conselhos e informações. E elas têm necessidade de ser ouvidas e reconfortadas pelos outros; têm necessidade dos outros, ao nível informacional e emocional. Afirmativas como “sinto necessidade de partilhar com os que me são próximos, o que sinto”, “procuro atividades coletivas” e “procuro a ajuda

dos amigos para acalmar a minha ansiedade” expressam o uso do suporte social como estratégia *coping*. Nessa categoria o escore médio foi de 8,58.

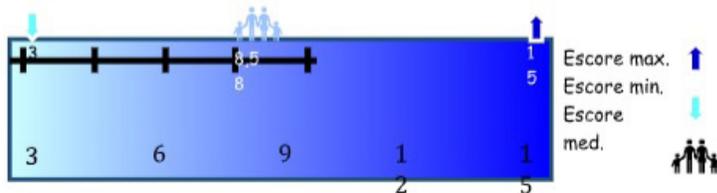


Figura 04: Escores mínimo, máximo e médio da categoria de suporte social.

Fonte: a autora (2019).

O suporte social pode ser uma importante ferramenta de *coping* para pessoas que se encontram em situações geradoras de estresse, uma vez que a ajuda, apoio ou motivação necessária para a superação dessa situação estressora possa estar em algum componente de sua rede social de apoio. Segundo Brito e Koller (1999), pode ser definida como um “conjunto de sistemas e de pessoas significativas, que compõem os elos de relacionamento recebidos e percebidos do indivíduo”. Essas famílias podem vivenciar dificuldades com os cuidados necessários ao lidar com a criança, enfrentar preconceito da sociedade, isolamento social e diversas outras situações estressantes.

Um estudo sobre auto eficácia de cuidadores de crianças com TEA feito por Tabaquim (2015) trouxe a perspectiva da importância de troca de informações e do diálogo sobre suas dificuldades cotidianas, para o enfrentamento do estresse pelos cuidadores. O estudo traz que esse tipo de suporte social, de diálogo com pessoas que se encontram na mesma situação que a sua, é capaz de aumentar a crença na capacidade e habilidade que eles têm de dominar as atividades comparáveis de forma bem-sucedida.

A socialização da criança e de todo o núcleo familiar é influenciada diretamente pelos comprometimentos do TEA, esses comprometimentos têm por vezes caráter limitador no convívio e interação social. A maior parte dos pais vê ao lidar com amigos, família, vizinhos e profissionais como situações potencialmente estressantes, quando se refere aos cuidados com o filho. Por vezes, o isolamento está relacionado a atitude das pessoas de seu ciclo social tentarem interferir na forma com que a família dispensa cuidados a criança ou ainda julgar atitudes e condutas dos pais frente o comportamento dos filhos.

O suporte social aparece como uma barreira de proteção ao estresse parental (SEMENSATO, SCHIMDT E BOSA, 2010). Essa proteção pode ser adquirida através da utilização da estratégia de *coping* do suporte social, onde há abertura para o compartilhamento informacional e emocional das situações estressoras. As mulheres

aparecem como os indivíduos mais propensos a utilizarem o suporte social como forma de lidarem com seus problemas, já que elas demonstram mais facilidade e propensão a desabafar seus sentimentos (DARDAS e AHMAD, 2013).

Assim, o suporte social ganha destaque como importante ferramenta para os pais e cuidadores, principalmente no que se refere ao aspecto psicológico. Já que só assim será possível ofertar a eles técnicas de instrumentalização diária. Buscando estabelecer metas e objetivos para o desenvolvimento da criança com TEA (MIELE e AMATO, 2016).

Os dados encontrados apontam que onze dos respondentes utilizam essa estratégia, mas também demonstram um escore médio para o domínio de 8,58 que não ultrapassa o seu respectivo nível moderado (Quadro 1). Esse dado denota que embora a maioria utilize a estratégia, ela ainda não é utilizada com muita intensidade pelo grupo. Isto pode indicar que alguns dos respondentes podem não encontrar na sua rede social e nem na instituição abertura para dialogar sobre as situações em comum que enfrentam no cotidiano de se ter um filho com diagnóstico de TEA.

Esse achado levanta o questionamento de se pode haver algum grau de discriminação dentro do próprio grupo de pais de crianças com TEA que frequentam a instituição, ou se esse fenômeno ocorre devido a subjetividade de que cada um possa ou não ter uma personalidade mais introspectiva, o que pode justificar a existência de uma barreira particular em compartilhar suas vivências, dificuldades ou até mesmo em pedir auxílio a terceiros, mesmo que esses compartilhem da mesma condição que ele.

### 3.5 Distração

Essa é a estratégia pela qual as pessoas procuram a companhia de outros ou envolvem-se em atividades que as ajudam a não pensar nos problemas que as incomodam. E veem como forma de não pensar no problema “trabalhar em cooperação com outras pessoas para esquecerem-se”, “tentar não pensar no problema” e “centrarem-se noutras atividades para se distraírem”. Nessa categoria o escore médio foi de 8.

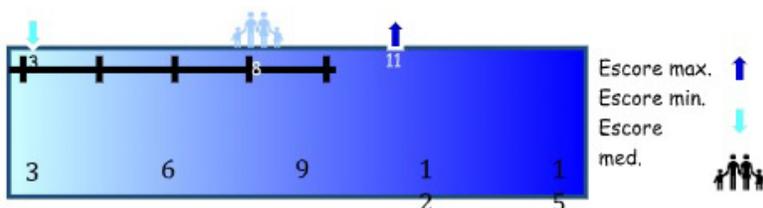


Figura 05: Escores mínimo, máximo e médio da categoria distração.

Fonte: autora (2019).

A distração não surgiu como uma categoria que fosse utilizada com muita intensidade por todos, aparecendo com um escore médio de 8, não ultrapassando a linha média do domínio. Em contrapartida, por mais que não apareça como sendo utilizada pelo grupo, ainda se constatou sua utilização por oito dos respondentes.

A distração tem caráter ambivalente, podendo ter uma interpretação positiva ou negativa, caso esteja associada com alguma outra, no caso com o suporte social. Quando esta não estabelece relação com o suporte social pode ser compreendida que as pessoas que a utilizam tentam ocupar a cabeça com outras coisas para não vir a pensar na situação estressante em nenhum momento. Já quando está associada ao suporte social se pode obter a interpretação de que a pessoas está utilizando sua rede social de apoio para distrair-se da situação estressora, mas não com o objetivo de ignorá-la e sim como forma de obter momentos de relaxamento e lazer, aliviando desta forma o estresse. Ele poderá utilizar o suporte social indo a ambientes que lhe promovam atividades que não remetam a situação crônica do familiar, ou até mesmo onde ela possa conversar sobre esta situação, mas sem nem um tipo de juízo de valor ou julgamento.

A distração pode vir também com atitude negativas onde a pessoa possa buscar formas de abstrair do problema, mas com atitudes negativas, como uso de álcool ou outras substâncias entorpecentes, ou até mesmo buscando relacionamentos extraconjugais como forma de afastar-se da situação estressora. Segeren e Francozo (2014) trouxeram em um estudo sobre vivências de mães de jovens autistas a perspectiva da mãe separada que cuida sozinha do filho. Nele verificou-se a ocorrência da ausência ou distanciamento dos pais separados, onde após o divórcio os pais se desresponsabilizam dos cuidados com o filho jogando toda a responsabilidade para a mãe, rompendo laços emocionais e financeiros. Sobre o aspecto financeiro, muitas mães acabam contando apenas com o BPC, uma vez que sem a contribuição financeira do ex-companheiro e com a impossibilidade de poder desenvolver alguma atividade remunerada devido à alta demanda com os cuidados com o filho.

<b>Categorias correlacionadas</b>	<b>Pearson</b>
<b>Distração x Suporte Social</b>	<b>0,4101*</b>

Quadro 3 - Correlação entre os domínios de distração e suporte social. Sobral – CE, 2019.

Fonte: própria autora (2019). \*moderada

Analisando o quadro 3 podemos notar que o domínio de distração apresentou uma correlação moderada ao suporte social. Como falado anteriormente, quando há essa correlação a distração pode ser entendida como positiva, pois está sendo utilizada

como lazer buscando aliviar o estresse. Com essa perspectiva, Dardas e Ahmad (2013) destacam que estimular pais de filhos com doenças crônicas estressoras a se distanciarem, adequadamente, de suas situações provocadoras de estresse pode levar a um melhor *coping*.

Aqui não encontramos uma alta taxa de utilização dessa estratégia, mas uma correlação moderada entre essa estratégia e o suporte social. Portanto, subentende-se que prevalência da distração nos respondentes está mais associada ao aspecto positivo do que ao negativo, á que o distanciamento procurado por eles visa mais a desopilação do que a fuga ou abstração do problema.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apontou para um perfil familiar já conhecido de outros estudos, onde a prevalência maior de TEA se dá em crianças do sexo masculino, seus cuidadores principais são geralmente suas mães, que deixaram o emprego para poder dispensar os cuidados necessários.

A busca pelo controle e conhecimento da situação foi a única estratégia explicitada fortemente por todos. Um achado bastante positivo, pois é a partir desse controle que eles poderão desenvolver mais estratégias de *coping* positivas. O encontro com essa face positiva dos problemas é indício de um amadurecimento frente a nova situação que está sendo vivenciada, possivelmente devido ao suporte biopsicossocial recebido por eles no serviço especializado a qual frequentam.

Por outro lado, o suporte social utilizado por eles, ainda se mostrou incipiente. Poucos lançam mão da conversa sobre o problema como forma de *coping*. Esse tipo de estratégia talvez não seja amplamente utilizada em virtude do medo do estigma que esse assunto tem. Muitos dos familiares não se sentem à vontade para conversa do assunto com pessoas do seu convívio fora da instituição, talvez por medo de não serem compreendidos e sim julgados, ou até mesmo culpabilizados por algo. O medo do preconceito e da discriminação também pode fazer com que aconteça essa espécie de isolamento social, onde os pais preferem manter seus filhos e a si mesmo com um convívio restrito ao seio familiar para evitar possíveis situações constrangedoras relacionadas aos comportamentos de seus filhos.

A recusa frente ao problema, embora tenha alcançado uma pontuação pobre no geral, não ultrapassando a linha média, ainda apareceu como sendo utilizada por algumas famílias. Talvez esta recusa esteja associada ao tempo que essa família recebeu o diagnóstico e iniciou o tratamento na instituição, onde eles podem ainda não ter tido tempo de assimilar o problema e/ou até mesmo de terem criado laços com outras pessoas em que eles pudessem dialogar a respeito. Esse estudo foi incipiente com relação a essa constatação, pois não conseguiu relacionar o tempo de tratamento na instituição ao nível

de recusa dos participantes, deixando uma lacuna para o desenvolvimento de estudos posteriores.

Ademais, informações acerca da sobrecarga dos cuidadores e enfrentamentos, favorece a elaboração de estratégias para assistência e manejo adequados, facilitando os cuidados de saúde e a promoção da melhoria da qualidade de vida das crianças com autismo e de suas famílias.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**, 5ª Edition (DSM-V). Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais- DSM**. 4 ed. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, 2012. **Diretrizes e Normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos**. Brasília, 13 jun. 2013. Seção 1 p. 59.

BRITO, R. C.; KOLLER, S. H. **Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo**. In: CARVALHO, Alysson Massote (org.). O mundo social da criança: natureza e cultura em ação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

CAPPS, L.; SIGMAN, M. e MUNDY, P.C. **Segurança de apego em crianças com autismo**. *Development and Psychopathology*, v.6, n.2, 249-261, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0954579400004569>. Acessado em: 09 de agosto de 2019.

CARDOSO, M. F.; FRANÇOZO, M. F. C. **Jovens irmãos de autistas: Expectativas, sentimentos e convívio**. *Revista Saúde, Santa Maria*, v. 41, n. 2, p. 87-98, 2015.

DARDAS, L.A. & AHMAD, M.M. **Estratégias de enfrentamento como mediadores e moderadores entre estresse e qualidade de vida entre pais de crianças com transtorno autista**. *Saúde do estresse [S.1.]*, v. 31, p. 5-12, jul. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1002/smi.2513>>. Acessado em: 02 de agosto de 2019.

ESPARBÈS, S. SORDES-ADER, F.;TAP, P. **Présentation de l'échelle de coping, in Les stratégies de coping, in Les stratégies de coping**. Journées du Labo PCS 93. St Criq (Actes). pp. 89 – 107.1993.

FOLKMAN, S. & LAZARUS, R.S. **The relationship between coping and emotion: implications for theory and research**. *Social Science Medicine*, v. 26,n. 3,p. 309 – 317.1988.

FOLKMAN, S. & LAZURUS, R. S. **If it changes it must be a process: Study of emotion and coping during three stages of a college examination**. *Journal of Personality and Social Psychology [S.1.]*, p. 150-170, jan. 1985.

KANNER, L. **Autistic disturbances of affective contact**. *Nervous Child*, New York, v. 2, p. 217-250, 1943.

MIELE, F.G.; AMATO, C.A.H. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**. Universidade Presbiteriana Mackenzie CCBS – Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, São Paulo, v.16, n.2, p. 89-102, 2016.

MINATEL, M.M. & MATSUKURA T.S. **Famílias de crianças e adolescentes com autismo: cotidiano e realidade de cuidadores em diferentes etapas do desenvolvimento**. Rev Ter Ocup Univ São Paulo, v. 25, n. 2, p. 126-134, mai. 2014.

NUNES, O., BRITES, R., PIRES, M., & HIPÓLITO, J. **Escala Toulousiana de Coping – Resuzida Manual Técnico de Utilização**. Centro de Investigação em Psicologia - Universidade Autónoma de Lisboa, 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Transtornos do Espectro do Autismo**, 2017. Disponível em: <http://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders>. Acessado em: 21 de set. de 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas**. Tradução de Dorgival Caetano. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 191, 1993.

PINTO, R.N.M. *et al.* **Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares**. Rev Gaúcha Enferm. 2016 set;37(3):e61572. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.61572>. Acesso em: 26 de julho de 2019.

SEGEREN, L.; FRANÇOZO, M. D. F. D. C. **As vivências de mães de jovens autistas**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 19, n. 1, p. 39-46, jan./mar. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141373722014000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722014000100006&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 23 de julho de 2019.

SEMENSATO R; SCHMIDT, M; BOSA, C. **Grupo de familiares de pessoas com autismo: relatos de experiências parentais**. Aletheia [online] 2010, p. 183-184. Maio/Ago. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115020838015> . Acesso em: 23 de julho de 2019.

SILVA JUNIOR, S.D. & COSTA, F. J. **Mensuração e Escalas de Verificação: uma Análise Comparativa das Escalas de Likert e Phrase Completion**. PMKT. Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia, São Paulo, Brasil, v. 15, p. 1-16, out. 2014.

SILVA, R.N.A. *et al.* **Avaliação da qualidade de vida de crianças que estão no espectro do autismo**. Rev Enfermagem UFPE online., Recife, set., 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v11i19a110246p3461-3470-2017>. Acessado em: 19 de set. de 2018.

TABAQUIM, M. L. M. *et al.* **Autoeficácia de cuidadores de crianças com o transtorno do espectro autista**. Rev. Psicopedagogia, v. 32, n. 99, p. 285-292, 2015.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acidentes de Transporte Terrestre 41, 42, 44, 46, 51, 54, 55

Adoção 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 141

Afetos 78, 80, 85, 86, 87, 88, 89

Aglomerados 41

Agronegócio 106, 107, 109, 113, 114, 115, 117

Ancestralidade 216, 217, 222, 223

### C

Capital 15, 67, 68, 71, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 115, 116, 117, 122, 123, 126, 127, 130, 131, 147, 152, 169, 171, 173, 183, 184, 186, 188, 189, 201, 202, 207, 211, 212

Cartolas 155, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165

CBF 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167

Conservadorismo Social e Econômico 121, 123, 129

Coping 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 103, 104, 105

Corrupção 155, 156, 159, 161, 162, 164, 166, 181

Covid 19 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24

Cultura de Paz 133, 136, 137, 139, 140, 141, 142

### D

Direito Fundamental 133, 135, 168, 169, 172, 173, 174, 176, 177

Doença Ocupacional 14, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24

### E

Economia Solidária 78, 79, 83, 88, 89, 182, 202

Estado 36, 47, 48, 55, 56, 61, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 77, 94, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 144, 147, 149, 151, 158, 159, 160, 161, 163, 166, 168, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 200, 201, 204, 205, 220

Ex-Presidiários 119, 120

### G

Gestão Pública 1, 11, 227

### H

Hiato do Gênero 25

## **I**

Independência Congoleza 121, 126, 129

Institucionalização 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 128, 148

## **J**

Justiça Restaurativa 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143

## **M**

Medida Socioeducativa 168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 177

Mortalidade 3, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56

MST 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 199

## **N**

Negociação Coletiva 106, 107, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117

## **P**

Política 76, 89, 147, 154, 155, 166, 167, 179

Política Pública 106, 107

Práticas Pedagógicas 133, 135

Previdência 19, 124

Procedimentos Hemodinâmicos 1, 10

Profissionalização 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177

## **R**

Regime Disciplinar Diferenciado 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154

Reinserção 58, 63, 64, 119, 174

Rotas Metabólicas Bioquímicas 25, 38

## **S**

Socialismo 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 191, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200

Socioeducandos 168, 169, 170, 171, 172, 173, 175, 176

## **T**

Trabalho 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 36, 38, 40, 45, 53, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 73, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 98, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 130, 133, 139, 142, 146, 150, 155, 156, 164, 168, 169, 171, 173, 174, 175, 177, 181, 182, 188, 190, 191, 192, 204, 207, 208, 210, 211, 213, 220, 221, 225

Transtorno do Espectro Autista (TEA) 90, 91, 92

Turismo 66, 71, 72, 76, 77

# *Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas*

## 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2020

# *Ciências Sociais Aplicadas: Necessidades Individuais & Coletivas*

## 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2020